



LEITURA(S) DO VERBO-VISUAL EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: Contribuições da Teoria Dialógica da Linguagem

*Pedro Farias Francelino*¹

*Wilder Kleber Fernandes de Santana*²

*Silvio Nunes da Silva Júnior*³

RESUMO

Este trabalho objetiva promover uma discussão acerca das possibilidades de trabalho com a leitura de enunciados verbo-visuais em aulas de Língua Portuguesa, a partir da noção de *palavra* entendida como fenômeno discursivo e ideológico, com base nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, mais precisamente, as ideias de Bakhtin (2006, 2008, 2019), Volóchinov (2017) e Medviédev (2016), bem como trabalhos de estudiosos e comentadores dos escritos do Círculo, como Brait (2006, 2013), Faraco (2009), dentre outros. A metodologia desta pesquisa segue uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista (MINAYO, 2001; SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009) e a análise toma como materialidade empírica, para exemplificar a reflexão, uma charge contemporânea veiculada na mídia digital de seu autor, o chargista Jota Camelo. Os resultados apontam que, quando levados em consideração os entornos ideológicos que circundam a produção discursiva, a palavra toma uma amplitude que atravessa fronteiras estruturais e adensam o caráter responsivo e axiológico do sujeito da linguagem, trazendo implicações relevantes para o ensino da leitura em perspectiva dialógica dos estudos do discurso.

Palavras-chave: Leitura. Verbo-visual. Ensino de Língua Portuguesa.

VERBAL-VISUAL READING(S) IN PORTUGUESE LANGUAGE CLASSES: Contributions from the Dialogical Theory of Language

ABSTRACT

This work aims to promote a discussion about the possibilities of working with the reading of verbal-visual utterances in Portuguese Language classes, based on the notion of definition defined as a discursive and ideological phenomenon, based on the concepts of the Bakhtin Circle, more precisely, as among the ideas of Bakhtin

¹ Doutorado em Linguística. Professor da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6945-1940> E-mail: pedrofrancelino@yahoo.com.br

² Doutorado em Linguística. Egresso do Proling - da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7569-499X> E-mail: wildersantana92@gmail.com

³ Doutorado em Linguística. Professor efetivo da SEDUC-AL e professor substituto da Universidade de Pernambuco, Garanhuns, Pernambuco, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1753-399X> E-mail: junnyornunes@hotmail.com



(2006, 2008, 2019), Voloshinov (2017) and Medvedev (2016), as well as papers analyzing and commenting on the writings of the Circle, such as Brait (2006, 2013), Faraco (2009), and others. The methodology of this research follows a qualitative approach of an interpretivist nature (MINAYO, 2001; SILVEIRA and CÓRDOVA, 2009) and an analysis that takes as empirical material, to exemplify the reflection, a contemporary load conveyed in the digital media of its author, the cartoonist Jota Camelo. The results indicate that, when taking into account the ideological environments, which surround the discursive, the word takes on an amplitude that crosses structural boundaries and thickens the responsive and axiological character of the subject of language, bringing relevant implications for the teaching of reading in the dialogic perspective of discourse studies.

Keywords: Reading. Verbal-visual. Portuguese Language Teaching.

LECTURA(S) DEL VERBO-VISUAL EN LAS CLASES DE LENGUA PORTUGUESA: Contribuciones de la Teoría Dialógica del Lenguaje

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo promover una discusión sobre las posibilidades de trabajar con la lectura de enunciados verbo-visuales en las clases de lengua portuguesa, a partir de la noción de palabra entendida como fenómeno discursivo e ideológico, a partir de los supuestos del Círculo de Bakhtin, más precisamente, las ideas de Bakhtin (2006, 2008, 2019), Voloshinov (2017) y Medvedev (2016), así como trabajos de estudiosos y comentaristas de los escritos del Círculo, como Brait (2006, 2013), Faraco (2009), entre otros. La metodología de esta investigación sigue un enfoque cualitativo de carácter interpretativista (MINAYO, 2001; SILVEIRA y CÓRDOVA, 2009) y el análisis toma como materialidad empírica, para ejemplificar la reflexión, una caricatura contemporánea publicada en los medios digitales de su autor, el dibujante Jota Camelo. Los resultados indican que, al tener en cuenta los entornos ideológicos que rodean la producción discursiva, la palabra adquiere una amplitud que traspasa fronteras estructurales y engrosa el carácter responsivo y axiológico del sujeto de lengua, trayendo implicaciones relevantes para la enseñanza de la lectura en la perspectiva dialógica de los estudios del discurso.

Palabras clave: Lectura. verbo visual. Enseñanza de la Lengua Portuguesa.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Segundo Volóchinov, “toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 140). Acorados nesse pensamento, entendemos que o estudo de uma língua não encontra mais abrigo em uma concepção de linguagem que não a entenda como imbricada no diálogo social e na interação discursiva. Imbuído desse sentido, este artigo propõe uma reflexão sobre o trabalho com a leitura a partir da



consideração da palavra como fenômeno discursivo, ideológico, tendo como base a Teoria Dialógica da Linguagem.

Nessa delimitação, apresenta-se a seguinte questão: como a palavra, que durante tanto tempo foi vista pela linguística estrutural e pela tradição gramatical como objeto morto, pode ser compreendida sob o prisma dialógico? E quais as implicações para o ensino da leitura, sobretudo de enunciados verbo-visuais, em aulas de Língua Portuguesa? Para refletirmos sobre essa questão, objetivamos realizar uma discussão teórico-metodológica da palavra como fenômeno discursivo, axiológico, para a qual recorreremos aos pressupostos do Círculo de Bakhtin, a partir de pensadores como Bakhtin (2006, 2008, 2019), Volóchinov (2017, 2019) e Medviédev (2016), bem como a estudiosos do pensamento do Círculo, como Brait (2006, 2013), Faraco (2009) e outros.

Acerca da noção de palavra em perspectiva discursiva, cumpre afirmar que nos inserimos em um campo já significativamente visitado, como atestam os trabalhos de Brait e Pistori (2012); Hammes-Rodrigues e Acosta Pereira (2019); Silva-Júnior (2019); Santana (2019). Contudo, ensejamos fomentar ainda mais esse diálogo trazendo à cena a palavra verbo-visual e, particularmente, seu ensino em contexto de aulas de Língua Portuguesa. Partimos do pressuposto de que é no espaço escolar que já se deve iniciar, ainda muito cedo, uma compreensão de língua como *organismo vivo*, uma vez que ela está em constante movimento na cadeia interminável da comunicação discursiva (BAKHTIN, 2006; VOLÓCHINOV, 2017).

A metodologia desta pesquisa segue uma abordagem qualitativa de natureza interpretativista (MINAYO, 2001; SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009) e traz como materialidade discursiva, com fins ilustrativos/exemplificativos, uma charge publicada em uma rede social de seu autor, *corpus* que será descrito na seção destinada à análise.

Em termos de divisão estrutural, há três seções, além das considerações iniciais e finais, que compõem este trabalho: a primeira, intitulada *A palavra e sua realidade social, dialógica e ideológica*, em que há uma discussão sobre a palavra e sua natureza dialógica, bem como o



caráter refratário e refratante como signo ideológico, que aponta para outra realidade para além da física. A segunda seção, intitulada *Palavra, verbo-visualidade e o do discurso charge*, em que é realizada uma reflexão sobre a leitura do verbo-visual, tomando como material empírico o gênero do discurso charge; e a terceira, *Leitura(s) do verbo-visual e implicações para o ensino de leitura*, que demonstra as implicações dessa abordagem na prática de ensino da leitura desse tipo de enunciado.

A PALAVRA E SUA REALIDADE SOCIAL, DIALÓGICA E IDEOLÓGICA

Na perspectiva de Bakhtin (2006, 2008), Volóchinov (2017, 2019) e Medviédev (2016), a criação estética/artística pode refletir e refratar fenômenos diversos da interação discursiva, o que pressupõe que devemos considerar o conceito de refração como essencial no âmbito dos estudos dialógicos do discurso. Segundo Volóchinov (2017, p. 93), “[...] o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante”. Na ótica do autor, os signos refletem e refratam a realidade mediante sua realização em enunciados concretos. Faraco (2009, p. 50-51) apresenta uma clara e didática definição de refração, conforme podemos ler nas palavras seguintes:

[...] ‘refratar’ significa, aqui, que com nossos signos nós não somente descrevemos o mundo, mas construímos – na dinâmica da história e por decorrência do caráter sempre múltiplo e heterogêneo das experiências concretas dos grupos humanos – diversas interpretações (refrações) desse mundo. [...] Em outras palavras, a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições das experiências históricas dos grupos humanos. Sendo essas experiências múltiplas e heterogêneas, os signos não podem ser unívocos (monossêmicos). A plurivocidade (o caráter multissêmico) é a condição de funcionamento dos signos nas sociedades humanas.

Tais considerações nos impulsionam a observar a riqueza que há na possibilidade de dizer da palavra, de adquirir novos sentidos, de sua



ambivalência em diversas instâncias e dimensões das interações socioverbalis. No entanto, é preciso atentar ao fato de que nem sempre a palavra foi compreendida nessa acepção de plurissignificação ou pluriacentuação; durante muito tempo ela foi postulada em sua afeição mais formal, estética, como no caso destas duas disciplinas da antiguidade clássica: Retórica e Poética (BAKHTIN, 2015). Cabe salientar que, desde a cultura greco-romana, há diálogos sobre a questão do comunicar, do expor retórico, e a História do Ocidente nos mostra que Platão foi o primeiro pensador a refletir sobre problemas linguísticos e a língua como um todo (VIEIRA, 2015). Nessas condições, é válido ressaltar que “a gramática como a conhecemos hoje, isto é, um livro contendo as regras de como falar e escrever corretamente a língua materna, teve origem na Espanha de Isabela Castela” (DUTRA, 2003, p. 16-17).

Se considerarmos esse trilhar teórico, o caráter normativo sempre se fez presente nas práticas da vida da linguagem, como forma de monitoramento tanto da fala quanto da escrita. Para Medviédev e Bakhtin, a tradição gramatical e a escola formalista atuaram como um mecanismo⁴ de ordem e monitoração linguística, ao refletirem um ensino que pode ser entendido como um “conjunto de práticas que se solidificaram com o passar do tempo, com regularidade de ocorrência, o que terminou por constituir uma tradição” (MENDONÇA, 2006, p. 201). Ao contrário dessa visão tradicional que atravessou eras de estudos e vivências dos sujeitos, concordamos com Bakhtin quando afirma que os enunciados que produzimos, nas mais variadas esferas de atividade humana, são plenos

⁴ Em *O método formal nos estudos literários* (2016), Medviédev menciona a impossibilidade da existência da ideologia se houver separabilidade entre o processo cultural (meio socioideológico) e o objeto, ou entre sujeitos. Dito de outra forma, o teorismo não produz ideologia, produz apenas abstrações. Assim, “Todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação e são seus componentes dependentes e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende como um todo. O sentido ideológico, abstraído do material concreto, é oposto, pela ciência burguesa, à consciência individual do criador ou do intérprete... Cada produto ideológico e todo seu “significado ideal” não estão na alma, nem no mundo interior e nem no mundo isolado das ideias e dos sentidos puros, mas no material ideológico disponível e objetivo, na palavra, no som, no gesto, na combinação das massas, das linhas, das cores, dos corpos vivos, e assim por diante (MEDVIÉDEV, 2016, p. 49-50).



de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais [o enunciado] está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo." (BAKHTIN, 2006, p. 297).

Então, por que a realidade social da palavra é perpassada por relações dialógicas? Para Bakhtin, as relações dialógicas "[...] são irreduzíveis às relações lógicas ou concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico" (BAKHTIN, 2008, p. 209). Dito de outra forma, estas "Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem para que entre eles possam surgir relações dialógicas" (BAKHTIN, 2008, p. 209).

Essa pressuposição de interação ativa, que orienta a construção do discurso, implica uma vivência social valorativa. Nesse sentido, Bakhtin (2006, p. 299-300) afirma que "o objeto do discurso do falante, seja esse objeto qual for, não se torna pela primeira vez objeto do discurso em um dado enunciado, e um dado falante não é o primeiro a falar sobre ele". A compreensão de discurso ideológico emerge da premissa de que a palavra da vida nunca é perceptível pela primeira vez. Há sempre uma inter-relação com discursos proferidos em outros momentos da vida social. Nessa direção, "O objeto, por assim dizer, já está ressalvado, contestado, elucidado e avaliado de diferentes modos: nele se cruzam, convergem e divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes." (BAKHTIN, 2006, p. 299-300).

Nisso se baseia a concepção de Bakhtin (2006) sobre a interação discursiva, na defesa de que nenhum discurso é o primeiro ou será o último na cadeia interminável da comunicação discursiva. Pelo contrário, como afirma Bakhtin, "o falante não é um Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez" (2006, p. 300). Nesse sentido, a interação discursiva se constitui numa trama de enunciados que se reclamam, sempre respondendo ou antecipando o outro de forma intermitente (BAKHTIN, 2006).



Outro aspecto fundante da noção de palavra é a sua dimensão ideológica e refratária/refratante, uma vez que a palavra é, segundo Volóchinov (2017), o signo ideológico por excelência. Conforme esse autor,

qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. Onde há signo há também ideologia. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91, destaques do autor).

Nesse sentido, entendemos que o signo, nas reflexões de Volóchinov (2017), está diretamente ligado às relações contextuais, ou seja, situa-se entre sujeitos sócio-historicamente organizados. Esse aspecto não depende exclusivamente da consciência do “eu” ou do “outro” isoladamente, mas de uma complexa cadeia discursiva com reflexos e refrações intersubjetivas estabelecidas no momento da interação discursiva, tendo em vista que “a palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de uma interação na realidade viva.” (STELLA, 2018, p. 178). Na cadeia viva da enunciação, “cada palavra exala um contexto e os contextos em que leva sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções” (BAKHTIN, 2015, p. 69). O conteúdo ideológico da palavra viva dá corpo às interações sociais, em práticas discursivas diversas. Dito isso, passemos às noções seguintes.

7

PALAVRA, VERBO-VISUALIDADE E O GÊNERO DO DISCURSO CHARGE

A plurissignificação da palavra ganha terreno sólido nas discussões empreendidas por Bakhtin já em sua *Teoria do Romance*, na medida em que o dialogismo é gestado, na agenda dos integrantes do Círculo, como o princípio constitutivo da linguagem, em sua dimensão concreta, viva, real. Bakhtin (2006) postula que não há nem a primeira nem a última palavra, o princípio e o fim, e “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites).” (BAKHTIN, 2006, p. 410).



Nessa via de interpretação, “Não há palavras nem sentidos absolutamente mortos: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (BAKHTIN, 2006, p. 410).

No manuscrito *Gêneros do Discurso*, Bakhtin (2016) classifica os gêneros em primários e secundários, tendo em vista sua complexidade. Nesse ensaio, ele também desenvolve a concepção de dialogismo, ao estabelecer comparações entre o enunciado concreto e a oração, sendo aquele considerado a unidade da comunicação discursiva, e esta compreendida como unidade da língua (BAKHTIN, 2016). Há, assim, algumas particularidades do enunciado que o distinguem da oração, tais como a alternância entre os sujeitos falantes e a estabilidade relativa do gênero.

É preciso considerar que “as especificidades do enunciado, resguardada a heterogeneidade que as constitui, territorializam a dimensão dialógica da linguagem na medida em que assinalam a constituição do sujeito” (SANTANA, 2018, p. 418). A ancoramo-nos, nesse sentido, no pensamento de Brait (2012, p. 371) sobre a necessidade de que haja “o reconhecimento de que, em suas múltiplas filiações, a concepção de gênero implica dimensões teóricas e metodológicas diferenciadas, cujas consequências para a compreensão de textos e discursos não podem ser ignoradas”. Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin registra que “O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é velho e novo ao mesmo tempo [...] O gênero vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo.” (2008, p. 121). Nessa linha de pensamento,

Ao nascer, um novo gênero nunca suprime nem substitui quaisquer gêneros já existentes. Qualquer gênero novo nada mais faz que completar os velhos, apenas amplia o círculo de gêneros já existentes. Ora, cada gênero tem seu campo predominante de existência em relação ao qual é insubstituível [...] Ao mesmo tempo, porém, cada novo gênero essencial e importante, uma vez surgido, influencia todo o círculo de gêneros velhos: o novo gênero torna os velhos, por assim dizer, mais conscientes, fá-los melhor conscientizar os seus recursos e limitações, ou seja, superar a sua ingenuidade. (BAKHTIN, 2008, p. 340).



Com isso, nossa ênfase está no fato de que o gênero do discurso, além de ser constitutivamente heterogêneo, não se prende a palavras escritas ou orais, mas, sobretudo, trabalha com o dinamismo da linguagem não-verbal e/ou verbo-visual, haja vista que gênero produz sentidos (BAKHTIN, 2006). Por isso mesmo, “Eles [os gêneros do discurso] são dinâmicos, vivos, entretanto, possuem características comuns quando associados às mesmas esferas de atividade humana.” (BACK; BORTOLIN; CIPRIANO, 2017, p. 156).

E antes de prosseguirmos com algumas considerações sobre o gênero charge, escolhido para ilustrar/elucidar nossa reflexão, apresentamos a noção de verbo-visualidade utilizada em nosso trabalho.

Brait (2013), fundamentada nos escritos do Círculo de Bakhtin, desenvolve uma reflexão instigante acerca da produção de sentidos em enunciados cuja especificidade é a constitutiva e inextrincável relação entre o verbal e o não-verbal (ou visual). Tomando como material empírico textos de diferentes gêneros, de diferentes esferas discursivas, a autora analisa o projeto enunciativo de construção de sentidos tecidos na articulação entre o linguístico (oral ou escrito) e o visual pelos autores desses enunciados.

De acordo com Brait (2013), podemos encontrar em alguns escritos do Círculo os pilares que sustentam o empreendimento teórico-metodológico proposto para leitura de enunciados visuais, a despeito de não encontrarmos pontualmente uma “teoria” para análise do não verbal. A autora defende que “[...] os estudos de Bakhtin e do Círculo constituem contribuições para uma teoria da linguagem em geral e não somente para uma teoria da linguagem verbal, quer oral ou escrita.” (BRAIT, 2013, p. 44). Nesse sentido, não se limitando apenas ao verbal, Bakhtin abre espaço em sua agenda de reflexão sobre a linguagem para um olhar amplificado para as linguagens em geral, especificamente, quando aborda a questão do retrato/autorretrato em “O autor e o herói na atividade estética, particularmente na seção “A forma espacial da personagem”.

Nesse artigo, Brait (2013) chama a atenção para um aspecto importante acerca de sua proposta. Ao tratar do verbo-visual, ou da verbo-visualidade, a autora reitera a necessidade de se distinguirem dois aspectos



da contribuição dos estudos de Bakhtin e do Círculo para a análise desse tipo de materialidade semiótica: de um lado, a mobilização das categorias bakhtinianas para a leitura e interpretação da cultura visual; de outro, o uso desse referencial para a compreensão do verbal e do visual juntos, articulados numa mesma materialidade, mesmo que com predominância de uma ou de outra dimensão, mas combinados em um único plano de expressão, como observa a autora. A partir das análises dos textos selecionados, ela conclui que o enunciado/texto verbo-visual, enquanto conjunto a partir da perspectiva dialógica da linguagem,

caracteriza-se como dimensão enunciativo-discursiva reveladora de autoria (individual ou coletiva), de diferentes tipos de interlocuções, de discursos, evidenciando relações mais ou menos tensas, entretidas pelo face a face promovido entre verbal e visual, os quais se apresentam como alteridades que, ao se defrontarem, convocam memórias de sujeitos e de objetos, promovendo novas identidades. (BRAIT, 2013, p. 62).

A partir das considerações tecidas pela autora acerca desse tema, ainda que de forma sintetizada aqui, podemos pensar na implicação da abordagem desse conceito para o trabalho com a leitura de enunciados em contexto de ensino de língua portuguesa na escola. A propósito, essa é umas observações da própria autora, ao fim de seu estudo, quando afirma que “[...] o trabalho com a verbo-visualidade inspirado no pensamento bakhtiniano é possível, desempenha um papel importante na *leitura da contemporaneidade* e no *ensino dessa leitura*, mas exige empenho e rigor teórico-metodológico.” (BRAIT, 2013, p. 62, destaque nosso).

Se bem entendida a proposta, ela se apresenta com uma abordagem não apenas útil, mas necessária para a leitura dos mais diferentes tipos de enunciados que circulam em nossa sociedade, sobretudo quando consideramos a explosão da cultura digital presente nas mais corriqueiras situações de comunicação em nossa contemporaneidade, com as mais multifacetadas formas de interação e gêneros discursivos provenientes dessas práticas comunicativas. Nesse sentido, a escola, instituição em que



acontece o letramento formal, para usar a noção bakhtiniana de ato responsável, não pode ficar indiferente a essa demanda, mas, ao contrário, assumi-la sem álibi e com a maior urgência possível.

Feitas essas considerações sobre verbo-visualidade, cremos que estamos em condições de expor algumas características do gênero charge, que será usado adiante para elucidação de nossa análise. Nesse sentido, acerca especificamente do gênero charge, cabe considerar que ele

é um tipo de enunciado crítico e opinativo do campo do humor gráfico, veiculado pela mídia impressa e eletrônica, cujo efeito de sentido considera a história, o contexto amplo e o horizonte social imediato; seu registro imagético se configura através do desenho caricatural de personalidades, objetos e cenários, além de outros elementos verbais e não-verbais articulados a temas e personagens em evidência na atualidade e sua realização relativamente estável se dá através da relação dialógica entre chargista – mundo compartilhado – registro – leitor (ANDRADE, 2011, p. 149).

Nessa perspectiva, a charge atribui espaço para que seu produtor tenha mais autonomia na construção da sua posição sobre determinada prática social. Por essa razão, Rodrigues, Silva Júnior e Santana (2021, p. 27) inferem que “diferentes veículos impressos e digitais se utilizam das charges como um modo de instituir a preocupação com os problemas sociais de modo que o leitor possa compreender ativamente as questões que norteiam as suas práticas”. Para os mesmos autores, “A charge [...] é um importante contributo para atividades de ensino, por exemplo, quando os alunos podem apresentar questionamentos a respeito dos elementos que constituem o gênero charge em determinado meio de circulação” (RODRIGUES; SILVA JÚNIOR; SANTANA, 2021, p. 27).

Ainda a esse respeito, Andrade (2011, p. 156-157) entende que

Quanto ao chargista, este enunciador primeiro, ele realiza seu ato como resposta às coisas de um mundo posto, cujo passado está continuamente sendo ressignificado ou interpretado, concomitantemente a um futuro sempre adiante do nariz, que se faz presente *ad infinitum*. Este primeiro-enunciador é já, pois, um segundo que, interpelado pelos atos e discursos do homem em sociedade, dá sua contribuição,



refutando, acrescentando, concordando, criticando, apoiando, demonizando, sacralizando, contestando, dentre outras ações, tornando-se, esse mesmo enunciador (chargista) mais um elo na cadeia de enunciados postos em circulação nas mídias (ANDRADE, 2011, p. 153, grifos do autor).

Nessa linha de pensamento, a produção de uma charge envolve elementos linguísticos e discursivos que constroem críticas diversas às práticas sociais como modo de reafirmar o papel dialógico do sujeito em suas diferentes situações de interação discursiva.

A fim de elucidar os aspectos teóricos de nosso estudo, a seguir, realizamos uma discussão analítica sobre um enunciado contemporâneo, uma charge de Jota Camelo.

LEITURA(S) DO VERBO-VISUAL E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE LEITURA

Tomando como base as considerações tecidas anteriormente sobre palavra e verbo-visualidade, nesta seção apresentaremos uma análise da charge selecionada com vistas a demonstrar a produtividade de algumas ideias envolvidas na discussão sobre a palavra na perspectiva dialógico-discursiva para o ensino da leitura de materialidades verbo-visuais, sobretudo considerando a dimensão valorativa/axiológica/ideológica da palavra verbo-visual. Para isso, recortamos, no meio digital, uma charge contemporânea que nos ajuda a compreender o horizonte valorativo/axiológico/ideológico tomado pela palavra e, numa perspectiva mais ampla, pela linguagem. A charge selecionada foi veiculada no dia 11 de abril de 2022 em uma das redes sociais do artista, o chargista Jota Camelo.

FIGURA 1 – Charge de Jota Camelo

Fonte: Jota camelo

A charge escolhida é constituída de duas materialidades, uma verbal e outra visual, caracterizando-se, portanto, como um enunciado verbo-visual, conforme postula Brait (2013). O cenário retratado na imagem assemelha-se de forma bastante significativa a um ambiente devastado por uma guerra, como se pode notar pela presença de uma imensidão de caveiras que remetem a mortos, uma edificação em chamas, a bandeira do Brasil, símbolo nacional, em frangalhos, chamuscada pelo fogo, além de destroços de madeira por toda a parte.

No primeiro plano da imagem, a figura caricaturada do Presidente da República do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, conforme confirmaremos com a leitura dialógica desse enunciado. Ele está posicionado num local que sugere um palanque, trajado de forma desajeitada, com uma cicatriz⁵ na barriga à mostra – com fisionomia de fúria, ódio, e de forma exagerada, como costuma ser o estilo do chargista – numa possível situação de comício eleitoral. Quanto às cores, constata-se a presença de tons mais escuros,

⁵ Em 06 de setembro de 2018, em campanha eleitoral na cidade de Juiz de Fora-MG, o então candidato a Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, foi esfaqueado por Adélio Bispo de Oliveira, preso em flagrante. Esse acontecimento teve grande repercussão na mídia e foi motivo de várias especulações político-partidárias em todo o país. Na charge, a cicatriz, que aprece de forma ostensiva na imagem, refrata o posicionamento do autor acerca do modo como o tema foi exaustivamente explorado.



cinzentos, sobretudo quando observamos o espaço aéreo, em virtude da fumaça proveniente do fogo, mas também de cores outras, como vemos na bandeira, no sangue dos corpos no chão, no símbolo da suástica na manga da roupa da personagem retratada/refratada. Completa o quadro o único enunciado verbal proferido pela personagem: “Preciso de mais 4 anos para terminar o serviço”.

Pela caracterização geral da imagem, observamos que ela mobiliza vários discursos constitutivos do(s) efeito(s) de sentido que esse enunciado produz. A leitura dialógica configura-se exatamente como um (des/re)encontro entre as consciências participantes do processo de interação discursiva, que são o autor da charge e o leitor. Nesse sentido, nosso compromisso é mostrar que conhecimentos são necessários/indispensáveis no trabalho do ensino de leitura nessa perspectiva, ou seja, de que saberes os professores e alunos precisam lançar mão para construir sentidos nessa interação, no ato responsivo-responsável de valoração do mundo.

Começando pela parte verbal do enunciado (*Preciso de mais 4 anos para terminar o serviço*), verifica-se que ela é construída de forma sarcástica, irônica, incidindo sobre a memória discursiva do leitor brasileiro acerca da personalidade e da postura do Presidente da República no trato com o público, principalmente aqueles que ele considera seus adversários: o segmento político da esquerda, a mídia etc. O autor da charge apresenta seu posicionamento axiológico desde essa parte, ao retratar/refratar a figura do Presidente como um mau gestor, cujo projeto de governo tem consistido na destruição do país, conforme sugerido no conjunto da imagem. Como já temos defendido aqui, no enunciado verbo-visual, a separação das materialidades no gesto da análise constitui apenas um procedimento didático, visto que palavra e imagem estão fundidas no conjunto arquitetônico do projeto enunciativo do autor.

O Presidente Jair Bolsonaro foi eleito em 2018 e, como conhecimento presumido por parte do leitor, é necessário lembrar que o mandato presidencial, segundo a Carta Magna de nossa nação, é de quatro anos.



Também é do conhecimento do leitor que a nossa constituição permite reeleição pelo mesmo tempo (quatro anos) e que o Presidente Jair Bolsonaro é candidato ao pleito pela segunda vez. Conforme constatamos na charge, esse tempo de gestão é refratado pelo autor em uma entonação irônica, pois normalmente a reeleição é uma oportunidade que o gestor tem de concluir a implementação de seu projeto de governo, corrigir eventuais falhas e preencher lacunas de um primeiro mandato, isto é, uma chance de trabalhar mais em prol e a favor de seus representados. Entretanto, na charge, o Presidente é valorado como um sujeito perverso cujo propósito é apenas o de aprofundar um plano de devastação do país, como corrobora o conjunto do enunciado. Por fim, na parte final da frase, a expressão “terminar o serviço” evoca na memória do leitor um discurso de violência, pois na linguagem do crime essa expressão é normalmente usada em uma situação em que alguém é incumbido de matar uma pessoa por falha numa possível primeira tentativa. No caso da charge, a ideia de seu autor é a de que o Presidente da República, em seu primeiro mandato, não conseguiu levar o país totalmente à ruína e esses quatro anos a mais seriam uma oportunidade para a concretização desse objetivo.

Prosseguindo para o plano da imagem, há vários discursos convocados pelo autor da charge e concretizados na materialidade em análise, conforme já anunciados aqui, mas que terão agora seus efeitos de sentido elucidados. Cumpre destacar que a tessitura dialógica que constitui o posicionamento valorativo desse chargista é composta por vários fios provenientes de diferentes esferas ideológicas da atividade humana, como a política, a religião, a moral, dentre outras. Destacamos, nessa análise, o atravessamento pelo campo da política e da religião.

De forma ostensiva, na manga esquerda do terno (paletó) do Presidente, há a imagem da cruz suástica nazista, nas cores branca, preta e vermelha, que são as cores da bandeira alemã sob domínio do regime, vigente no período de 1933 até 1945, durando até a Segunda Guerra Mundial. O símbolo da cruz suástica não é exclusividade do nazismo, mas era usado por diversas culturas em todo o mundo, cada qual com seu



significado específico. No nazismo, o uso da suástica estava associado à hipótese da hegemonia cultural ariana dos alemães, isto é, ao ideal de pureza da raça e isso, evidentemente, sem qualquer fundamentação científica. O nazismo, que tem como figura representativa o ex-cabo do exército alemão Adolf Hitler, configura um sistema político-ideológico de governo de extremo totalitarismo, supremacista, autoritário, considerado uma das principais expressões do fascismo europeu e, por isso mesmo, o estopim da Segunda Guerra Mundial, quando foi vencido.

Na charge, a presença da suástica nas vestimentas do Presidente Jair Bolsonaro exprime a valoração do autor ao associar o projeto de governo do Presidente àquele implementado pelo líder nazista Adolf Hitler, leitura essa corroborada não apenas pelo uso do símbolo, mas, de forma ainda mais marcada, pela alusão à memória discursiva da grande quantidade de pessoas executadas de forma cruel e perversa durante o regime, conforme se vê nas milhares de cabeças/caveiras na imagem, em um ângulo ou plano de visão que coloca o sujeito representado/refratado em uma posição topográfica acima daquela em que os corpos estão, sugerindo responsabilidade pelo acontecimento. O enunciado refrata de modo crítico a forma como o Presidente Jair Bolsonaro conduziu a política de saúde pública no Brasil desde o início da pandemia de coronavírus, manifestada sobretudo na defesa do uso de medicação preventiva para a doença sem nenhuma validação científica e pela negação da eficácia da vacinação no combate ao vírus, dentre outras posturas negacionistas e contrárias às recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Quanto ao aspecto da religião, a charge convoca o discurso cristão por meio da imagem que sugere uma cruz por trás do Presidente. Nela [cruz], a figura de uma cabeça/caveira envolta em um tecido branco ensanguentado, sugerindo um dos gestos⁶ que marca o cristianismo: a morte de Jesus Cristo. A princípio, pode parecer estranha a presença desse

⁶ Falamos de “um dos gestos” porque não se trata apenas da morte, mas do sofrimento, morte e ressurreição como momentos constitutivos do processo de salvação humana postulado na escritura judaico-cristã, a Bíblia Sagrada.



elemento na charge, porém, o presumido – ou o horizonte tempo-espacial e discursivo que vivenciamos – nos dá o pano de fundo para compreendermos a relação dialógica que o enunciado estabelece com o discurso cristão. Como sabemos, o governo do Presidente Jair Bolsonaro tem sido caracterizado pela presença ostensiva de militares e religiosos; neste último caso, temos, inclusive, a participação de líderes protestantes⁷ na liderança de pastas importantes do governo. Aliás, o próprio slogan do governo faz menção clara à religião cristã: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Portanto, não é fortuito o emprego desse elemento na construção do enunciado.

Se considerarmos esse dado concreto da participação efetiva da religião no governo Bolsonaro, notaremos a crítica social (irônica, sarcástica) formulada pelo autor da charge ao demonstrar a possível contradição entre aquilo que o governo professa e o que efetivamente ocorre em seu projeto político: o descaso, a indiferença do Presidente no tratamento de questões vitais como foi o caso do enfrentamento da pandemia, agravada ainda mais com os desdobramentos sociais e econômicos que o país vem enfrentando nos últimos meses, como hiperinflação, aumento do valor dos combustíveis, desemprego, dentre outros problemas que têm afetado a nação. Podemos presumir esse conjunto de dificuldades – e não apenas o drama da pandemia de coronavírus – porque a parte verbal do enunciado faz menção aos quase quatro anos de governo, numa espécie de “balanço” do que (não) foi realizado nessa primeira gestão. Há essa entonação na forma da disposição das palavras (*Preciso de mais 4 anos para terminar o serviço*), isto é, a refração do autor da charge no sentido de evidenciar que todo esse cenário retratado é fruto de um projeto deliberado

⁷ Temos como exemplo a advogada e pastora evangélica Damaris Alves, à frente do Ministério da Mulher, da Família e Direitos Humanos, licenciada para possivelmente concorrer ao Senado nas eleições de 2022; Milton Ribeiro, advogado e pastor presbiteriano, ex-ministro da Educação, exonerado em março deste ano de 2022 por suspeita de repassar verbas do ministério para municípios indicados por dois pastores a pedido do Presidente Jair Bolsonaro; André Mendonça, jurista, magistrado e pastor presbiteriano, atuou no governo Bolsonaro na Advocacia Geral da União, no Ministério da Justiça e Segurança Pública e, atualmente, é Ministro do Supremo Tribunal Federal.



de ineficiência do atual governo no tratamento dos problemas que assolam o país.

Ainda no escopo do atravessamento do discurso religioso nesse enunciado, pode-se pensar numa cena carnavalizada da narrativa do Gênesis acerca da criação do mundo. No texto da escritura judaico-cristã, Deus criou o mundo em sete dias e, ao fim de cada elemento criado, dizia: “E viu Deus que era bom!”⁸. A cena refratada na charge parece, às avessas, caricaturar esse ato registrado na Bíblia ao mostrar um sujeito criador do caos, o Presidente da República, em ato responsável (e irresponsável, em outro sentido) de agente destruidor, conforme a fisionomia maquiavélica representada na imagem.

É na interação discursiva (VOLÓCHINOV, 2017) entre o chargista e as consciências com as quais ele interage que o signo – a palavra verbo-visual – ganha novos sentidos, a partir do entretecimento das diferentes vozes e valorações sociais, ou seja, no uso da língua viva e concreta. Na interpretação de Zandwais (2016), isso decorre do “[...] modo como a palavra se inscreve em uma ou outra ordem histórico-simbólica e a partir daí se dota de valores, significando diferentemente em cada época, em cada espaço social, em cada modo de produção” (ZANDWAIS, 2016, p. 109). Dessa forma, ao refletir e refratar determinadas realidades heterogêneas e multifacetadas, as quais não podem ser apreendidas como um todo, entendemos que toda palavra verbo-visual – signo – é sujeita à avaliação, ou, ainda nas palavras da autora, “Todo signo possui uma função responsiva em relação às formas de “compreensão” da ordem do real. E é essa função responsiva que o torna polissêmico por excelência” (ZANDWAIS, 2016, p. 109).

Após a demonstração da leitura dialógica desse enunciado, com base em categorias discursivas provenientes do pensamento dos autores do Círculo, gostaríamos de finalizar esta seção do trabalho esclarecendo a produtividade de dois princípios teórico-metodológicos que subjazem à atividade analítica e que nos deram subsídios para refletir sobre as

⁸ “E viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom” (Gênesis, 1.31).



implicações dessa abordagem para a leitura de textos e discursos em aulas de língua portuguesa: o princípio da valoração, refração; e o da responsividade-responsabilidade.

Primeiramente, a leitura como uma atividade discursiva valorativa, que refrata o mundo a partir desse lugar único, singular e insubstituível de leitor, como instância de fixação de um posicionamento axiológico que se expressa por meio de uma compreensão responsiva ativa. Com muita frequência, a prática de trabalho com a leitura em sala de aula ocorre de forma "engessada", presa às orientações pedagógicas do livro didático de português que, a despeito de toda a relevância para o trabalho do professor, acaba, por vezes, limitando a potencialidade da contrapalavra do aluno-leitor. Longe de menosprezar a indiscutível importância do livro didático, nossa reflexão vai no sentido de somar a esse recurso uma competência teórico-metodológica que amplie a atuação pedagógica do professor no exercício da atividade de leitura de textos e discursos, particularmente, do verbo-visual, conforme demonstramos na leitura dialógica da charge.

Entretanto, por mais que o livro didático explore a dimensão discursiva da linguagem no tratamento da leitura dos textos e abra espaço para o diálogo, a própria forma de elaboração das questões, a escolha por determinados conteúdos/temas/aspectos do texto e sua forma de abordagem – e isso é legítimo, pois se trata de um contexto pedagógico – acabam por encerrar o leitor no espectro das expectativas dos autores do material didático, isto é, o enquadramento da consciência de outrem (aluno) no universo axiológico de outra(s) consciência(s) (autoria do livro didático). Nesse sentido, a mediação do professor deve possibilitar, de forma responsável e competente, a extrapolação das fronteiras da compreensão responsiva ativa do aluno.

O leitor deste artigo deve ter notado como as categorias discursivas do pensamento de Bakhtin mobilizadas para a análise da charge possibilitaram o entrelaçamento de discursos de diversas esferas da atividade humana, como o político e o religioso, com vistas à produção de



um posicionamento axiológico do autor do enunciado. Cabe ao leitor, dessa forma, na tarefa de atribuição de sentidos – ou de uma contrapalavra – reunir os rastros/pistas deixados pelo autor e observar como, a partir destes, ele constrói uma visão de mundo acerca do(s) fato(s) que retrata/refrata. A tarefa do leitor, portanto, consiste em posicionar-se frente ao projeto enunciativo do autor (o querer-dizer do falante/locutor), que está situado cronotopicamente, é realizado por um gênero de discurso e materializado como uma compreensão responsiva ativa a outros enunciados.

O que queremos enfatizar ainda na proposição dessa ideia – e que muitas vezes não é contemplado nas aulas de leitura, apesar dos muitos avanços já apontados aqui – é que, na leitura do enunciado verbo-visual (a charge, no caso), é preciso considerar a articulação constitutiva dos elementos que compõem a materialidade, ou seja, o diálogo vivo e concreto entre o verbal e o não verbal. Não se trata de uma junção de duas manifestações sígnicas diferentes, mas de um enunciado único, singular, em que uma forma de linguagem reclama a outra e vice-versa. O aluno-leitor precisa ter esse pressuposto muito claro para que o enunciado produza sentido(s).

O outro princípio que defendemos na leitura dialógica dos enunciados, e aqui, particularmente, o verbo-visual, mas que guarda estreita relação com o princípio da valoração e da refração, é o da responsividade-responsabilidade. O leitor é um sujeito sem alibi na existência! (BAKHTIN, 2012). O leitor não pode “não ler”, pois a ele não é dada a possibilidade de negar-se a atribuir valor, a responder efetiva e afetivamente a outras posições axiológicas com as quais estabelece alguma relação. O leitor, portanto, é uma consciência participante, que adota para com qualquer outra consciência uma atitude responsiva ativa (ou “proativa”, no sentido de que, muitas vezes, no ato enunciativo, antecipa possíveis objeções ou argumentações do outro). E, ao agir assim, imprime sua assinatura nos gestos de leitura que realiza, na forma como vê o mundo, como o vivencia. E essa compreensão tem uma implicação importante: por diversas vezes, em contexto escolar, no trabalho com a leitura de textos, subestimam-se ou até



mesmo desprezam-se as compreensões responsivas ativas dos alunos em relação a algum objeto de discurso de que se fala. Adotam-se posturas inibidoras ou cerceadoras do exercício do ato responsivo-responsável de nossos aprendentes. A concepção dialógica de linguagem, nesse sentido, constitui um referencial teórico-metodológico possível para uma alternativa de trabalho mais transformadora, que oportunize maior engajamento e protagonismo do discente.

No caso da leitura da charge, por exemplo, cabe ao professor, apropriando-se de forma segura desses pressupostos, auxiliar o aluno leitor a desemaranhar os fios que tecem dialogicamente o enunciado e, ao mesmo tempo, conduzi-lo a se “ver/enxergar” como sujeito, a “ouvir” sua(s) própria(s) voz(es) na relação tensa e conflituosa com outra(s), a “sentir-se” como sujeito atuante, não indiferente aos fatos e discursos à sua volta. O sujeito aluno precisa desenvolver essa consciência e percepção de quem ele é nas práticas discursivas de que participa socialmente. Isso traz uma implicação muito relevante para aquilo que tantas vezes os documentos oficiais, como PCNs e BNCC, chamam de “autoria”. Ser autor, na perspectiva que postulamos aqui, significa

[...] orientar-se na atmosfera heteroglótica; é *assumir uma posição estratégica no contexto da circulação e da guerra das vozes sociais*; é explorar o potencial da tensão criativa da heteroglossia dialógica; é trabalhar nas fronteiras (FARACO, 2009. p. 87, destaques nossos).

Para encerrar, mas não menos importante, é indispensável destacar que a materialidade visual que compõe o conjunto arquitetônico da charge, em constitutiva relação com a parte verbal, funciona como um significativo vetor de produção de sentidos por ser predominante no enunciado – em termos do espaço que ocupa na disposição dos elementos no todo – e por constituir um produtivo operador de memória discursiva, o que se confirma, evidentemente, na associação com o verbal. Dito isso, acreditamos que é possível passar às considerações finais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo discutiu a necessidade de se pensar na palavra para além de sua dimensão estrutural ou formal. O conteúdo ideológico vivo que a integra constitui um elemento central no processo de produção de sentidos e na assunção de um posicionamento axiológico pelos sujeitos em seus contextos de interação discursiva. No caso específico do enunciado verbo-visual que analisamos, a charge, é difícil compreender os sentidos que cada uma de suas partes – a verbal e a visual – isoladamente valora, visto que elas são interdependentes, de modo que uma enseja a outra na dinâmica da construção do(s) sentido(s).

Vale ressaltar, conforme objetivamos demonstrar ao longo do trabalho, que a Teoria Dialógica da Linguagem disponibiliza um conjunto de conceitos e noções que contribuem para uma leitura da palavra verbo-visual para além de seus componentes estruturais – quer sejam os linguísticos, no caso da parte verbal, quer sejam os elementos relacionados a cor, recursos gráficos ou qualquer outra especificidade da linguagem visual.

Acreditamos que análises discursivas que se valham do vasto e produtivo aporte conceitual da perspectiva teórica aqui adotada poderão aprofundar a competência leitora crítico-reflexiva dos alunos no estudo dos textos e discursos, tão necessária numa sociedade plenamente imersa numa cultura digital, pulverizada de diversas e diferentes linguagens, numa simbiose entre som, imagem e movimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. C. de. **A charge**: análise do processo enunciativo-discursivo numa perspectiva dialógica. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Pernambuco, 2011.

BACK, Â. C. D. P.; BORTOLIN, A. M. P.; CIPRIANO, J. C. Letramento: análise de uma prática pedagógica a partir do gênero poema. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 153-168, 2017. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/255>. Acesso em: 14 jul. 2022.



BAKHTIN, M. O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. [tradução feita a partir do russo; tradução de Paulo Bezerra]. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAIT, B. PISTORI, M. H. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. **Alfa**, São Paulo, 56 (2): 371-401, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5531/4343>. Acesso em: 29 de maio. 2022.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**. Revista de Estudos do Discurso, [S. l.], v. 8, n. 2, p. Port. 43-66 / Eng. 42, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>. Acesso em: 20 maio. 2022.

DUTRA, R. Gramática normativa: uma perspectiva histórica. In: DUTRA, R. **O falante gramático**: introdução à prática do estudo e ensino do português. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. p. 15-28.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009.

GERALDI, J. W. Dialogia: do discursivo à estrutura sintática. In: HAMMES-RODRIGUES, Rosângela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo (Org). **Estudos dialógicos – da linguagem e pesquisa em linguística aplicada**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016. p. 179-190.

HAMMES-RODRIGUES, R.; ACOSTA PEREIRA, R. Apresentação. In: HAMMES-RODRIGUES, Rosângela; ACOSTA PEREIRA, Rodrigo (Org). **Estudos dialógicos – da linguagem e pesquisa em linguística aplicada**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2016. p. 9-16.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução a uma poética sociológica. Tradutoras: Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.



MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. In: MENDONÇA, M.; BUNZEN, C. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 199-225.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RODRIGUES, L. L.; SILVA JÚNIOR, S. N.; SANTANA, W. K. F. “É só uma gripezinha!”: olhares dialógico-discursivos sobre uma charge contemporânea. **Humanidades & Inovação**, v.8, n. 30, p. 23-34, 2021.

SANTANA, W. K. F. Questões de linguagem: os gêneros do discurso em perspectiva dialógica. **Letra Magna** - Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, v. 14, n. 23, p. 417-432, 2018.

SANTANA, W. K. F. Dialogismo em foco: variações semântico-axiológicas e sua aplicabilidade. In: SANTANA, W. K. F. de. **Relações linguísticas e axio(dia)lógicas: sobre linguagem e enunciação**. João Pessoa: Ideia, 2019. p. 84-93.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42

STELLA, P. R. Palavra. In: Brait, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p.177-190.

VIEIRA, F. E. **Gramáticas brasileiras contemporâneas do português: linhas de continuidade e movimentos de ruptura com o paradigma tradicional de gramatização**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2015.

VOLÓCHINOV, V. N. A interação discursiva. In: VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 201-226.

VOLÓCHINOV, V. N. A ciência das ideologias e a filosofia da linguagem. In: VOLOCHÍNOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 93.

VOLÓCHINOV, V. N. Estilística do discurso literário I: o que é a linguagem/língua? In: VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019. p. 234-265.



ZANDWAIS, A. O sistema da língua, o diálogo e o discurso. **Conexão Letras**. V. 11, n. 16, 2016. p. 96-107.

Recebido em: 05 de junho de 2022.

Aprovado em: 01 de julho de 2022.

Publicado em: 28 de julho de 2022.

